

INDICE

Dos Capitulos da Primeira Parte.

- CAPIT. I. Do Sol posto. Pag. 7.
II. Vamos chegando ao
pequeno Cazal. 21.
III. O pequeno Cazal. 44.
IV. Dumont. 63.
V. O homem mascarado. 82.
VI. O Relogio de repetição. 97.
VII. Passeios sentimentaes. 112.
VIII. A minha entrada
no mundo. 129.
IX. Luxemburgo, e a
enxovia. 145.
X. A estalagem de
Valença. 163.
XI. Scena nocturna no
Cazal. 182.

F I M.

LEANDRO,

OU

O PEQUENO CAZAL

NO

MEIO DOS BOSQUES,

MANUSCRITO ACHADO

NAS MARGENS DO IZERO,

POR

M. DUCRAI-DUMINIL,

Traduzido em Portuguez.

~~~~~

PARTE II.

~~~~~



LISBOA:

NA TYPOGRAFIA LACERDINA.

1 8 2 6.

*Com Licença da Meza do Desembargo
do Paço.*

O ROMANCE

DE

LEANDRO, O

PEQUENO

CAZAL, NO

MEIO DOS

BOSQUES.

DE

LEANDRO, O

PEQUENO

CAZAL,

NO

MEIO DOS

DE

LEANDRO,

O PEQUENO

CAZAL,

NO MEIO

DOS BOSQUES.

LEANDRO,

OU

O PEQUENO CAZAL

NO MEIO DOS BOSQUES.

SUMMARIO DA SEGUNDA PARTE.

Leandro passa hum anno no Cazal. Vê-se obrigado a sahir delle.

CAPITULO I.

A lição de Musica.

Já a luz da Aurora tinha succedido á escuridade da noite, e o Sol começava a dourar os cimas das arvores: o Ceo arroxado, e

sem nuvens annunciava hum dia claro; humna doce fresquidão, que o Zefiro devia ás gotas abrilhantadas do orvalho, hiá dalli a pouco ceder aos calorosos ardores do meio dia; toda a natureza estava bella, e tranquilla, só o coração de Leandro triste, e alienado.

Trémulo, e pálido esperava a sentença de morte, e já se tinha encommendado ao Ente Creador de tudo o que respira: a oração tinha restabelecido de alguma sorte a quietação dos seus sentidos; elle a acabava quando humna doce voz de fóra assim lhe falla: — Leandro, estás acordado? — Sim, exclama elle, estou acordado, e prompto para tudo. — He Candor, lhe diz, que te vem abrir a porta, e abraçar-te.

Abraçar-te!... Leandro fica espantado: será hum novo laço? julgaria elle mal!... Entrega-se a mil reflexões, durante as quaes entra Candor, e fica estupefacto,

vendo o abatimento do seu novo amigo, pega-lhe na mão, e diz-lhe com hum ar tão obrigativo, e verdadeiro, que Leandro não pôde deixar de attender, e córar de seus erros. — Que tens, meu filho! que perturbação he a tua?... Será por te ter tido esta noite em humna especie de cativoiro?... Meu amigo, farias-me por ventura a injúria de desconfiares de mim?... Eu não o creio; envergonhar-me-hia se tal pensasse... socega, ouve teu Pai, e vence essa timidez infantil, que me afflige. Eu fechei-te hontem, e todas as noites terei esta precaução, que he para mim mais essencial do que cuidas... Ella não te pôde inquietar, pois que em todo o dia quero dar-te mil provas da minha amizade; porém peço-te que não intentes penetrar este segredo funesto: he o meu unico bem, não mo tires! Leandro, se soubesses... Merece a minha confiança, meu filho, sé

sempre submisso, terno, e respeitoso, e eu te descobrirei o meu nome, o meu estado, e as minhas desgraças: faz-te digno desta confiança... que eu não te occultarei... sim, espero de ti o serviço o mais assignalado... hum serviço fundado na justiça, no reconhecimento, e que, se me amas, não fere a tua delicadeza: eu sou velho, fui cruelmente atraído; privarão-me do que mais estimava no mundo... tu has de ser o meu vingador... tu merecerás o premio que te destino; premio precioso, e caro para o teu coração... Não me instes a que diga mais... eu to peço; deixa-me ser senhor ainda mais tempo do meu segredo... hum dia me conhecerás; mas em quanto não chega, devo enfrear a tua curiosidade; não te crimino della, porque he propria da tua idade. Consente que todas as noites te feche; eu to peço como huma

graça... com esta condição fica comnosco, socêga as tuas desconfianças; e fica persuadido que a tua innocencia não periga neste retiro solitario, onde todos amamos a Religião, a honra, e a virtude.

Esta fallã, e o ar venerando do velho de todo aquietarão Leandro. Entornou-se na sua alma o balsamo da consolação; tornou a serenidade a vestir seu rosto; como o seu coração era franco, e sincero contou a Candor o seu louco receio, surriro-se, e abraçou-o. Ficou Candor hum pouco enleado, sabendo que Leandro tinha visto a sua cerimonia nocturna; porém disfarçando lhe pegou no braço, e ambos forão ter com Claretta, que acabava de se levantar, e que tinha dormido tão pouco como o hospede; porém por causa inteiramente opposta: o amor que começava a fallar ao seu coração, a felicidade de que

hia gozar, as imagens risonhas que lhe pintava a fantasia, tudo isto a fez velar toda a noite; porém por isto ainda estava mais bella, seus olhos algum tanto abatidos lhe davão hum doce requebro; seu Pai a metteo a bulha, do que ella còrou com tantas graças, que Leandro queria mal a si mesmo por ter podido suspeitar hum minuto a sinceridade desta amavel menina.

Ajuntou-se logo Germano, e todos tres lhe pedirão huma amostra dos seus talentos musicos. Leandro não se fez rogado, cantou hum Romance, a que os Auditores não pudérão suster as lagrimas. Tocou depois Claretta, e ainda que inferior a Leandro, com tudo este ficou encantado do seu estilo, e sobre tudo das letras que cantou; ella as tinha feito durante a noite, e a musica era tão doce, e melodiosa, que Candor custou-lhe a capacitar que fosse obra de sua filha.

Passou-se assim o dia em agradaveis divertimentos, á noite foi Leandro fechado, porém como isto já lhe não dava cuidado dormio tranquillo. Ficou decidido que no outro dia principiaria Leandro a dar as suas lições a Claretta; em consequencia disto logo pela manhã foi para o seu quarto: Candor, e Germano forão cuidar em diferentes obras necessarias á casa, e o Mestre ficou só com a discipula. Poder-se-ha julgar pela pintura que vou fazer desta lição, de todas as que a filha de Candor recebeu depois. Entremos na sala da musica, e ouçamo-los sem os interromper.

Leandro.

Claretta, como era interessante
o teu Romance de hontem!....
Acaso o farias para mim?

Claretta.

Pois para quem? . . . por ventura ha dois Leandros no mundo?

Leandro.

Estás como eu; tenho visto muitas mulheres; porém só encontrei huma Claretta.

Claretta.

Tu escarneces de mim? eu não tenho esses encantos, esse ornato. . . .

Leandro.

O ornato he fructo da arte, mas os encantos são dons da natureza; tu os possues, e tens de mais a mais huma alma, e hum coração. . . .

Clarettá.

Se tenho hum coração . . . sei-o ha dois dias . . . quando te vi. . .

Leandro.

Pois até então não tinha palpitado por teu Pai?

Claretta.

Sim . . . mas he outra . . . sensação . . . oh! eu lhe pedirei que me explique estes dois sentimentos. . .

Leandro.

A teu Pai?

Claretta.

Sim, a elle; e porque lhe hei de occultar o que sinto? Não quero ter outro confidente senão a

elle. . . Olha, Leandro, quando formos passear, quando descansarmos no bosquezinho, quando dissermos cem vezes por dia que nos amamos, todas as noites lhe darei parte da nossa conversação.

Leandro.

Oh Ceos! não faças tal. . .

Claretta.

E porque? Meu Pai estima ver-me feliz; e se o sou contigo, porque o não quererá elle?

Leandro.

Elle nunca te fallou em amor?

Claretta.

Sim, e muitas vezes? muitas vezes me tem dito que o amor hé huma paixão funesta, que alucina

os sentidos, a razão, que produz ciume, inquietação, furor. . . E bem me tem prohibido entregar-me a este sentimento.

Leandro.

E parece-te que elle approvará o nosso?

Claretta.

O nosso! . . . tu enganas-te; isto que eu sinto por ti não hé amor: nada do que meu Pai me tem dito eu experimento: e que pena seria a minha?

Leandro.

Que innocencia! . . . oh minha Claretta! guarda esse sentimento tão puro, e teme cahires no outro; com tudo o meu parecer, he que não contes nada a Candor. . .

Claretta.

Olha, Leandro, que te não he de amar, se me impedires o ter confiança em hum Pai tão respeitavel... Não só quero que elle saiba todos os pensamentos mais secretos do meu coração, mas tambem Germano, seu antigo amigo.

Leandro.

Então dize-o a toda a terra... Claretta, que males nos preparas, se...

Claretta.

Vê! elle teme-se de tudo... não fallemos nisso, vamos á lição:...

Leandro:

Tu não me entendes... se conhecesses os homens...

Claretta.

Os homens? ... meu Pai não he es homens...

Leandro.

He verdade que elle he bom, e generoso? ... porém, dize-me, sabes as suas desgraças?

Claretta.

Não, só Germano as sabe.

Leandro.

Conheceste tua Mãi?

Claretta.

Sim! oh como ella me amava! e como eu a amava!

Leandro.

E que he feito della?

Claretta.

Não sei; eu fui educada em hum Convento até á idade de oito annos, onde minha Mãe me hia ver muitas vezes... com tudo já por fim não ouvia fallar nella, e meu virtuoso Pai me trouxe para aqui, onde me diz cem vezes, que sua esposa, e seu filho (meu irmão que nunca conheci) estavam perto de nós, que elle os via todos os dias, e que eu mesmo daqui a alguns annos terei a felicidade de os abraçar: elles são sem dúvida tão desgraçados como elle, porque Candor, e Germano nunca fallão nellés sem deramar lagrimas.

Leandro.

Nunca fizeste perguntas mais...

Claretta.

Era o segredo de meu Pai, que muito respeitava para lho querer roubar... Sei por exemplo que elle desce todas as noites a huma casa que fica por cima do nosso cazal, onde se demoram perto de huma hora, depois do que sóbe cada hum ao seu quarto: todos os annos tem hum dia marcado em que vão fazer não sei que cerimonia ao pé do álamo grande, eu nunca os pude acompanhar, porque todas as noites, como tu, aco fechada.

Leandro.

Eis-aqui o que na outra noite tanto me assustou... Claretta, eu

adivinho huma parte dos seus infortunios... ah! seu filho, sua esposa, victimas da traição...

Claretta.

Tu os julgas mortos?

Leandro.

E ainda o duvidas?

Claretta.

Mas, ou devo tornallos a vez ainda algum dia... eu tal não comprehendo.

Leandro.

Elle precisa de hum vingador, eu o serei... eu despozarei a sua causa, elle conhecerá o seu Leandro.

Claretta.

Ah! meu Leandro! quanto elle a ama!...

Leandro.

Digno Pai!

Claretta.

Elle já me fallou em ti. — Minha filha, me disse elle, se o teu coração ha de ser sensivel, se has de amar, emprega toda a tua afeição em Leandro; eu o julgo digno de ti; mas he preciso que elle te mereça, e que tu sejas o premio que reservo para o serviço assignalado que espero d'elle; se elle te ama, satisfará meus votos.

Leandro.

Oh Ceo, ter-te-ha dito. . .

Claretta.

São as suas proprias palavras;
vê por isto que feia acção seria,
se atraicçassemos a sua confiança.

Leandro.

Oh! que homem! . . . Amemo-
nos, oh doce amada, amemo-
nos, e possa hum Pai formar com
huma santa benção vinculos tão
sagrados para com Deos, como
aquelles que se tramão aos pés dos
Altáres, e que o vosso retiro nos
prohibe!

O tempo da lição passava-se qua-
si sempre em palavras amorosas,
com tudo Leandro que queria ver
os progressos da sua discipula, ap-
plicou-se com mais seriedade da-

qui em diante, e Claretta em pou-
co tempo se adiantou na musica,
no desenho, e até nas sciencias
abstractas, taes como as Mathe-
maticas, a Fysica, e Astrono-
mia.

CAPITULO II.

A voz da floresta.

Leandro feliz, amado das pessoas com quem vivia, tinha esquecido os seus infortúnios. A musica, a agricultura, e ás vezes a caça na entrada do bosque, todas estas occupações lhe levávam os momentos, sem lhe deixar tempo para se enfastiar.

Como erão doces, e puros os prazeres dos nossos quatro solitários! Elles tinham tudo na sua casa, não desejavão nada, e até toda a natureza parecia respeitar o seu asylo, e coóperar para a sua felicidade. O raio que a cada passo batia nas elevadas copas das arvores da floresta nunca tinha cahido no affortunado recinto; os

ladrões que diariamente se ouvião gritar, e disparar tiros em roda das muralhas, nunca tinham formado o projecto, talvez impracticavel, de as escalar. Germano não sahia senão huma vez cada anno para ir a S. Marcellino comprar trigo, e nunca tinha sido atacado, sem dúvida por huma protecção visivel do Ceo. Candor que expressamente tinha prohibido a Claretta o dizer a Leandro donde vinha no dia em que o encontrára no Valle de Romans; esperava elle mesmo fazer-lhe todas estas narrações, e reclamar o seu braço para huma vingança cruel que meditava, e queria tirar de seus inimigos antes de morrer. Em consequencia disto estudava de dia o character de Leandro; e esperançado em o achar sempre constante, e animoso: abençoava o Ceo por lhe ter enviado ao seu retiro o unico ente capaz de o servir nos seus projectos. Elle via

com prazer o amor dos dois amantes, protegia-o, até o fortificava com a esperança de lhe vir a ser útil. Como sua filha lhe confiava tudo, calculava os progressos desta paixão, e esperava que chegasse ao seu auge, para dizer os seus segredos a Leandro. Com tudo prohibio sempre a Claretta que deixasse tomar ao seu amante a mais pequena liberdade: elle os vigiava por toda a parte, e temendo os perigos a que se poderia expôr a sua innocencia estando ambos sós, hia ter com elles, trazia-os consigo para casa, e pouco seguro com a sua vigilancia, encommendava a Germano que os vigiasse tambem.

Todas estas cautélas são desnecessarias: Leandro era sobejamente virtuoso para violar as leis da hospitalidade, e Claretta tinha sobejo siso, e respeito para desobedecer a seu Pai; e commetter hum erro, que depois lhe não po-

deria confessar. Além disso seu Pai protegia o seu amor, e promettia-lhe unillos, podião amar-se, e confessallo diante de seu Pai; a liberdade tirava-lhe a mesma idéa do crime, e se o amor se affoitava ás vezes a cubrir-lhe os olhos com a sua venda, a razão agitava logo seu facho, e mostrando-lhe o precipicio em que se hião abysmar, fazia-lhe ver a vergonha, e os remorsos anciosos de os affligir.

Estes dois amantes he verdade que se amavão; porém o seu amor era puro, honesto, fundado na virtude, na estimação, e no consentimento de seu Pai. Doce afeição da alma, que não he prostituida pelo vil impulso dos sentidos, que o socego, o sentimento, e a meditação contentão, que não conhece nem o remorso despedaçador, nem o mysterio perfido; nem a desconfiança criminosa, e que a sancção paterna au-

tho-

thorisa. . . Que poucos são os corações capazes de vos experimentar!

Percebia com tudo Leandro, que Candor, e Germano espiavam todas as suas acções, e a sua virtude se assustava. Bastava a idéa de que o suspeitavam traidor, para envenenar a felicidade de que gozava. Muitas vezes na volta de hum passeio campestre, onde Candor tinha interrompido huma conversação deliciosa, elle entrava no seu quarto, e esquecido das caricias que recebêra do sábio velho, derramava huma torrente de lagrimas. — Que! eu, exclamou elle, serei capaz . . . e podem-no pensar, e seguem-me, espião-me, como temendo que me esqueça de mim mesmo ao ponto de atraiçoar a confiança com que me tratão, e seduza a innocencia! . . . Oh Ceo! que fiz eu, para merecer huma semelhante affronta? Não conhecem o meu coração. . . Não,

• não conhecerão jámais este coração sensível, este coração feito para o reconhecimento, para a delicadeza, e que huma suspeita tão ultrajante despedaça. . . Os homens não saberão nunca avaliarme? . . . Oh Candor, Candor! que tormento me causas. . .

Apanhava-o muitas vezes Candor engolfado nestas tristes reflexões, perguntavão-lhe o motivo das suas penas, mas Leandro nada respondia. A lembrança dos seus infortúnios servia-lhe de desculpa, e o velho que o conhecia franco, e sincero acreditava-o, consolava-o, hia com elle dar hum gyro no jardim, e com suas caricias, e razões conseguia dissipar a sua melancolia.

He assim que Candor, Claretta, Leandro, e Germano passavão a sua vida no Casal. Todos os dias se terminavão as suas occupações por hum passeio campestre; todos quatro se hião sentar no

bosquesinho ao pé do limpido regato, depois voltavão, vinhão comer huma cêa frugal, e depois se entregavão ás doçuras de hum somno tranquillo, que só era interrompido pelo nascer da Aurora, e pelo canto das aves.

Já se tinha passado hum anno, e os nossos amantes não se amavão simplesmente, adoravão-se, era huma paixão violenta, que já não tinha outro freio senão a esperança de huma proxima união: elles estavam determinados a fallar a Cándor, e pedir-lhe de joelhos se dignasse dar-lhes a benção paternal, laço tão sagrado aos seus olhos, como o Augusto Sacramento do Matrimonio, que elles não podião receber; porém o velho tão manhoso como vingativo, esperava este momento para descobrir seus projectos. Elle mesmo tinha alimentado no coração de Leandro todo o fogo do amor, e levado a sua paixão ao ultimo auge,

para segurar a sua felicidade; com tudo não conhecia ainda assás a firmeza, e a coragem deste mancebo; queria experimentar se lhe era inviolavelmente affeioado, e por isso se propunha a differir ainda por algum tempo a confissão que lhe tinha a fazer dos seus infortunios.

Leandro da sua parte sempre desconfiado, sempre susceptivel, receava-se da demora do Pai de Claretta. Muitas vezes o tinha instado para que o unisse ao objecto da sua ternura, e o velho sempre lhe respondia: Meu filho, não me basta que ameis minha filha, que te proponhas a fazer a sua felicidade, he necessario que a amizade para com o Pai iguale o amor para com a filha; e tu não possuirás Claretta senão quando eu tiver as provas mais convincentes da tua affeição. Perguntava-lhe então Leandro com as lagrimas nos olhos, que provas

queria delle? Não lhe respondi Candor, e deixava-o apertando-lhe a mão, com hum suspiro doloroso.

Que triste situação para o nosso heróe? Então recahião os seus pensamentos nas suas primeiras desgraças, e suspirava.

Hum dia em que foi cortar lenha, á entrada da floresta, ficou admiradissimo vendo hum nome gravado na cortiça de huma arvore; chega-se, distingue outros caracteres, e lê tremendo estas poucas palavras: *Leandro, foge de Candor, foge do seu perfido Casal, onde se espera de ti o maior dos crimes.*

— Barbaro! exclama elle cheio de indignação, quem quer que sejas; sois hum impostor!... Candor he virtuoso, Candor he o mais respeitavel dos homens, aqui está o caso que faço da vossa infame accusação. Dizendo isto despedaça com o machado a inscri-

ção odiosa, á qual está bem longe de dar nenhuma fé; porém que não deixou de espalhar na sua alma hum sentimento de tristeza, que o domina, e que de balde quer dissipar.

Que mão inimiga do meu descanço (dizia elle consigo mesmo roltando para casa) que perfido me daria este aviso insidioso! Eu não conheço ninguem no Universo, e conhecem-me! e sabem que eu habito nesta floresta! Porque me quererão tirar daqui? Porque me querem envenenar a felicidade de que gozo, insinuando no meu coração suspeitas injustas? Mas que digo? eu não tenho suspeitas, não as sinto, longe de mim a criminosa desconfiança! Oh meu Pai! Tu me farias hum crime, tu o mais sabio, o mais generoso dos mortaes!... Que não possa eu exterminar com a minha mão o malvado calumniador, que se atreveo a ultrajar a virtude! Po-

rém quem he elle? que interesse o excita a dar-me este conselho prejudicial? que lhe importa a minha existencia? . . . Por ventura conhece-me? Será meu Pai? Será Dumont que . . . Ceos! eu não examinei a letra; talvez descobrisse. . . Serieis vós, entes desgraçados que tanto estimei? Vireis acaso restituir-me a vossa ternura, receber-me em vossos braços? Sim, já conheço a mão que traçou os caracteres; quanto mais recordo. . . Insensato! porque os apaguei com tanta precipitação? Meu Pai! Dumont. . . vós serieis. . . porém que apparencia! . . . onde se vai despenhar a minha razão? . . . Parece ao meu espirito alienado, que toda a terra advinha que eu estou aqui. . . Não, rejeitemos este pensamento demasiadamente lisonjeiro: he hum desconhecido, não posso duvidar, he hum malvado que me quer apanhar em algum laço. Ah! evi-

temo-lo, não punhamos hum pé fóra deste querido Casal. . . Amemos, respeitemos sempre os caridosos mortaes, que nos receberão no seu asylo, e olhemos como hum crime a negra calumnia, que achei escrita na arvore. . . Envergonha-te, Leandro, tu foste culpado só em a lêres. . .

Cheio de idéas taes chegou Leandro ao Casal, e Candor que percebeo o seu desasocego, metteo a bulha a sua melancolia: o nancebo balbuciu, escusou-se como pôde, e como a sua alma precisava de solidão foi passear ao jardim nas margens do arroio. Estava engolfado nestas reflexões, quando chégando-se ao muro que separava o recinto da floresta, julgou ouvir huma doce voz que o chamava pelo seu nome: elle olha, escuta, e logo ouve distinctamente estas palavras, que lhe dirige huma pessoa da floresta. *Leandro, os teus males estão*

acabados : olha para o regato que corre aos teus pés, e lê. . .

O petrificado Leandro olha com effeito, e o seu espanto ainda mais cresce vendo huma carta atada ao ramo de huma arvore. Desprende a carta, e lê ávidamente estas palavras, que o reduzem á maior emoção.

“ Leandro, o Ceo se aplaca
 „ finalmente; teu Pai reconhece-
 „ te por seu filho, deixa o teu
 „ Casal; é a floresta de Cham-
 „ boran; vem ter com elle a San-
 „ to Estevão, onde te espera com
 „ o teu amigo Dumont. O seu seio
 „ está aberto para te receber. . . A
 „ manhã quando o Sol se escond-
 „ der nas ondas, vai só ao lu-
 „ gar onde a floresta fórma hu-
 „ ma estrella plantada de cinco
 „ melrosinhos, que ahí acharás
 „ hum guia seguro, que te condu-
 „ zirá aos braços do mais desgra-
 „ çado, e do mais terno dos
 „ Pais. ”

Que leitura para Leandro! . . . Elle quer fazer mais perguntas ao desconhecido; porém já lhe não responde, sem dúvida porque já desapareceu. . . Seu Pai o espera, seu Pai o reconhece por filho. . . Ceos! em que occasião lhe vem esta nova! Como a acharia feliz em outro tempo? . . . Agora que ha de fazer? abandonará o amor pela natureza? atraiçoará o reconhecimento pela ternura filial? Arrancar-se-ha dos braços do seu generoso amigo, para se ir lançar nos de seu Pai? que enleio, que cruel enleio! . . .

O amante de Claretta fica por algum tempo abysmado nas reflexões; o que lhe succede parece-lhe hum sonho; não póde crer na realidade do que vê, do que lê. . . Seu Pai o chama? porém como descobrio elle o seu asylo? Quem lho ensinou? . . . e já que o conhece porque o não vem buscar, ver, agradecer ao bom ve-

Iho que o recebeo em sua casa? Que temerá elle para não apparecer a Candor? A justiça, o reconhecimento, tudo lhe faz disto hum dever. Porém... saberia elle os amores de Leandro com Claretta? Temeria elle os effeitos desta paixão? Pois bem! se os sabe, he mais huma razão para os prevenir com a sua presença.... Além disso, esta carta que recebeo não he da letra de seu Pai; elle bem lhe podia escrever.... este mysterio, este desconhecido, esta guia que o espera, tudo isto he suspeito... Será hum laço do calumniador, de quem já recebeo aquelle perfido aviso? Sim, sem dúvida he hum laço; elle tem inimigos secretos que o querem perder, que procurão tirallo do seu asylo para o sacrificar; todos os homens attentão contra elle? e ainda que se escondesse no ultimo canto do Universo, lá mesmo o perseguirão....

Com tudo, se he verdade... se seu Pai, se Dumont estivessem com effeito na Aldêa de *Santo Estevão*! — quem sabe!... elles abandonarão-no em Valença; porém podem tello espiado em todas as suas acções, podem tello seguido até o Casal... tudo isto he possível... Que fará? que partido ha de tomar? Grita-lhe de hum lado a natureza: tu podes fugir ás caricias de teu Pai?... Do outro o amor, e o reconhecimento de mãos dadas o arrastão para si... a quem cederá?... que voz falla mais imperiosa ao seu coração?... Quem ha de vencer?... Oh Leandro, Leandro? que vais fazer? desgraçado? que vais fazer?

CAPITULO III.

O templo subterraneo.

Alva do dia já tinha trazido o Pai da luz: os passarinhos o saudavam com seus gorgeios melódiosos; toda a natureza brilhante, e dilatada parecia regosijar-se com seus benéficos raios: Leandro, que todas as manhãs costumava ir contemplar este espectáculo magestoso, não lhe dava agora a mais pequena attenção: entregue toda a noite ás reflexões as mais tristes, mal vio apparecer a Aurora pôz-se á sua janella, lançou olhos dolorosos pela vasta extensão da floresta, que se lhe offerecia á vista, o coração amargurado parecia querer soltar-se-lhe do peito, para voar ao lugar

onde sabia que seu Pai o esperava. Leandro não podia ver a Aldeia de *Santo Estevão*; porém elle adivinhava a sua situação, e dizia consigo mesmo: *Romans* fica ao meio-dia, *S. Marcellino* he deste lado, por conseguinte *Santo Estevão* he para acolá, defronte daquelle montanha. Sim; *Santo Estevão* he alli; meu Pai, *Dumont*, estão perto de mim, oh meus olhos! que não possais penetrar a distancia, que nos separa! que os não possais ver, e examinar! . . . Mas que digo? a minha alma os vê, e os contempla; elles estão acolá em huma estalagem, lá estão ambos, e dizendo hum ao outro. Virá Leandro ter connosco? . . . preferirá elle o Pai á amante? Terá a natureza no seu coração mais poder que o amor? Estender-lhe-hei os meus braços de balde? . . . Ah meu filho, meu filho! vem, vem . . . surri-se a minha boca, os meus olhos esperão